

Leitura na infância inicial: uma intervenção precoce

Rita de Cássia Tussi

UPF

Tania M. K. Rösing

UPF

Os benefícios da leitura na vida da pessoa são imensuráveis, e pesquisas e discussões sobre o tema proliferam no meio acadêmico. O conceito de leitura não se restringe mais a decodificar palavras isoladas ou textos, pois ler é um ato de entendimento de contextos que inicia a partir do nascimento. Introduzir ações precoces de leitura a partir da gravidez é uma atividade importante e com resultados já previsíveis para formação do leitor.

A pergunta que desencadeia essa reflexão é: os adultos do grupo familiar com filhos na idade de 0-3 anos ou do grupo cuidador dessas crianças são capazes, por meio de interações e de práticas orais de leitura, de aproximar essas crianças do livro e da literatura para transformá-las em leitores precoces? Tudo indica que sim. Para que se tenha um leitor é necessário que se conte, antes, com um bom ouvinte, cuja formação acontece durante as interações pais-bebê que acontecem a partir do nascimento.

A formação de um bom leitor depende de uma boa capacidade lingüística, que é desenvolvida nos primeiros anos de vida. Para desenvolvê-la é necessário que se compreenda melhor o recém-nascido, bem como o papel dos pais e das experiências no período da infância inicial.

Segundo Klaus e Klaus (2001), o bebê nasce pronto para interagir com o meio e com as pessoas que o cercam. Durante a vida intra-uterina, um bebê ouve, sente e faz experiências, reconhece a voz da mãe, diferentes tipos de sons, e é sensível a determinados padrões silábicos. Os cinco sentidos já estão presentes e tudo isso é uma forma de preparação para enfrentar o mundo exterior e interagir com os pais. Essa interação acontece já nas primeiras horas de vida.

Para os pesquisadores, um recém-nascido apresenta seis maneiras de existir, que são agrupadas em dois ciclos distintos: vigília e sono. O ciclo de vigília possui dois estados de alerta nos quais o recém-nascido descobre o

mundo; quando está em alerta ativo, ele explora o ambiente olhando ao seu redor e, quando está em alerta tranqüilo, interage com os adultos. Esses estados se repetem várias vezes durante o dia, e o alerta tranqüilo, que permite uma interação direta, acontece, normalmente, após a amamentação.

No entanto, o bebê não pode depender apenas de suas capacidades inatas para desenvolver comportamentos de leitura; ele precisa compreender sua língua materna e, para isso, precisa ouvir essa língua. Assim, os mesmos pais que passam os genes de forma hereditária para seus filhos também modificam esses genes num ambiente compartilhado por interações e experiências, onde a linguagem e a emoção são fundamentais para passar, no caso da formação de leitores, uma boa capacidade lingüística e um bom vocabulário ao bebê. Para McGuinness, por exemplo:

os genes podem exercer um papel importante no desenvolvimento lingüístico, na precisão gramatical, no vocabulário e na memória, mas estão longe de constituir toda a história. O que mais importa é *como* e *quanto* as mães e os pais falam e lêem para as crianças, desde o primeiro dia. (MCGUINNESS , 2006, p.16)

Conversar com o recém-nascido, cantar, contar e ler histórias no período em que ele está em alerta tranqüilo é fundamental em atividades de incentivo à leitura na infância inicial, uma vez que são essas que oportunizam o desenvolvimento das capacidades necessárias para a formação de um bom ouvinte e de um bom leitor. A interação verbal permite ao bebê entender os eventos dos quais participa e todo o resto que faz parte de seu pequeno mundo: pessoas, roupas, brinquedos, comidas, objetos, animais, primeiros verbos e primeiras palavras sociais.

As primeiras conversas com o bebê assumem um padrão de discurso muito diferente do discurso convencional; por isso, são chamadas por McGuinness de “fala materna”. Nesse discurso, a fala, segundo a autora:

é bem aguda, cerca de uma oitava mais alta do que o discurso normal. É excessivamente modulada, de forma que o agudo se altere em um intervalo muito grande [...]. É muito mais lenta, e todos os sons são esticados, especialmente as vogais. O vocabulário é simples, mas não artificial, e as palavras são

enunciadas com clareza. Os padrões tônicos nas palavras são enfatizados. A fala materna tem grande impacto quando proferida em uma voz alta e animada, a cerca de 30 centímetros do rosto do bebê. (MCGUINNESS , 2006, p. 24).

Essa fala que cada mãe utiliza normalmente é importante para que o bebê comece a perceber sua língua; por isso, recém-nascidos precisam de conversa, não de palavras repetidas, de canções de ninar, não de músicas barulhentas. Ele necessita, também, ter espaço para verbalizar. As conversas devem, sempre, incluir pausas para que o bebê responda e participe da interação, mesmo que no início seja apenas com pequenas vocalizações incompreensíveis.

São as interações sociais mútuas que permitem que uma criança aprenda sua língua. No entanto, alguns requisitos são necessários durante este aprendizado: falar um pouco mais alto com o bebê; evitar ruídos para que ele perceba melhor os sons e utilizar signos durante a interação que estimulem a audição e, ao mesmo tempo, a visão ou o tato. A utilização de signos aprimora capacidades naturais da criança, ao mesmo tempo em que torna a interação mais interessante.

Segundo Vygotsky (1998), o desenvolvimento mental é resultado de relações recíprocas da criança com o meio, e a mãe é a primeira mediadora nessa interação. É a mãe que, por meio de interações verbais, ajuda a criança a desenvolver funções especiais, como a fala, a atenção e a memória. Essas funções se desenvolvem, de acordo com o autor, primeiro, interpessoalmente e, depois, intrapessoalmente.

A aculturação é responsável pelas diversas formas de mediação às quais um bebê é exposto durante seu desenvolvimento, e essa mediação permite que ele adquira novas habilidades e novas formas de comportamento. Os processos mediados no comportamento de uma criança são responsáveis por reconstruir funções mentais especiais e são assim explicados por Vygotsky:

Esses processos reconstróem o comportamento com base no uso de signos como estímulos. Esses modos de comportamento, adquiridos no decorrer da experiência cultural, reconstróem, também as funções psicológicas básicas da

criança e as equipam com novas armas, desenvolvendo-as. (VYGOTSKY, 1996, p. 184).

Cada experiência significativa pela qual um bebê passa durante os três primeiros anos de vida interfere no seu desenvolvimento cerebral. Num primeiro momento, que antecede o nascimento, o desenvolvimento cerebral acontece por influências internas, porém, passado esse período, as experiências vivenciadas pela criança ou observadas em seu ambiente adaptam os comportamentos inatos e criam novos comportamentos, especialmente em períodos iniciais da vida.

A infância inicial é um período muito sensível à influência do ambiente sobre os comportamentos. As experiências modificam circuitos encefálicos que formam a base desses comportamentos. São as experiências precoces que formam comportamentos de linguagem. “A experiência durante um período específico da vida (denominado de ‘período crítico’) determina o repertório comportamental do adulto.” (PURVES et al., 2005, p. 534).

Assim, as mesmas vozes que consolaram o bebê durante a gravidez são as preferidas após o nascimento e devem ser, também, as responsáveis pelas primeiras experiências significativas do bebê. Contar com os pais para introduzir as primeiras ações de leitura com bebês é fundamental para a formação de leitores, uma vez que o vínculo afetivo que se estabelece entre o bebê e o grupo familiar, que pode incluir, além dos pais, os adultos próximos da criança, é importante em intervenções precoces de leitura.

Segundo McGuinness, os pais que falam bastante com seus bebês estão antecipando seu vocabulário, no entanto não é só a quantidade que interessa, mas a qualidade daquilo que é dito. A forma como a mãe fala com o filho é capaz de amenizar as diferenças sociais. “Isso foi percebido nos dados extraídos de crianças em que a classe social importava muito menos do que a forma como a mãe interagia com elas.” (MCGUINNESS, 2006, p. 55).

Cinco estilos de comunicação que aumentam a capacidade lingüística de uma criança foram identificados e listados pela autora: o “estilo de orientação”, que consiste em interagir de forma positiva; a “ênfase simbólica”; o “tom de *feedback*”; a “diversidade lingüística” e a “responsividade”.

Portanto, a maneira como uma mãe se comunica com seu filho é o grande diferencial nas atividades de leitura e nas modificações que acontecem no cérebro da criança em consequência das experiências oportunizadas pelo meio. Maturana explica esse processo da seguinte forma:

Tem-se dito, frequentemente, que a história da transformação do cérebro humano esta relacionada com a utilização de instrumentos. [...] Ao contrário, eu defendo que a história do cérebro humano está relacionada principalmente com a linguagem. [...] Quando um gato brinca com uma bola, ele está usando as mesmas coordenações musculares que nós. Se algo que você segura cai no chão, vocês se envolvem em um jogo que não é diferente da brincadeira do gato. O macaco faz isso com uma elegância igual ou ainda maior que a de vocês, apesar de sua mão não se estender como a nossa. O peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocional. (MATURANA , 1998, p.19).

Incentivar a mãe para que converse com o bebê é o primeiro passo quando se quer desenvolver comportamentos de leitura; o segundo é mostrar-lhe a importância da literatura, cujas primeiras espécies são as canções de ninar e de brincadeiras. Formadas de pequenos trechos poéticos que passam de geração para geração, com o objetivo de estimular o sono e promover o relaxamento do bebê, no caso dos acalantos, e de preparar a criança para a vida em sociedade, função das cantigas de roda, essas canções trazem consigo uma importante herança cultural.

Influenciadas pelos portugueses, africanos e indígenas, os acalantos são o primeiro contato da criança com as divergências culturais de seu país. Por meio deles, a mãe apresenta ao filho personagens portugueses, como a “cuca” e o “bicho papão”; um vocabulário dengoso e recheado de duplicação de palavras, como “dodói” – típico do vocabulário africano –; e embala seu bebê desempenhando um comportamento afetivo oriundo dos povos indígenas.

Mais tarde, quando canta cantigas de roda com seu bebê, a mãe está utilizando uma forma de aprendizagem que inclui a imitação de uma ação. Essa imitação, que é feita pela encenação de histórias cantadas, é, segundo Pimentel e Pimentel (2002), a representação de uma ação dramática por meio de movimentos ritmados. É um ato coletivo que leva a criança a, de forma

lúdica, experimentar os papéis que futuramente desempenhará no convívio social.

Classificadas por Pimentel e Pimentel como “amorosas, religiosas, engraçadas e satíricas, imitativas, históricas, animais e várias” (PIMENTEL e PIMENTEL, 2002, p. 22) e com a mesma origem e influência dos acalantos, elas são um importante instrumento de recreação, informação e formação da criança, além de desenvolverem a afetividade, a motricidade e a socialização na primeira infância.

O terceiro passo, quando se fala em leitura na infância inicial, é levar a mãe a contar histórias para seu bebê. Segundo McGuinness, no final do segundo ano de vida a criança:

é capaz de entender quase tudo que ouve, de classificar as diferenças e semelhanças entre objetos do mundo, de entender o significado do passado agora-não e do futuro agora-não, de pensar por que as coisas acontecem de determinada forma e de falar entre 300-400 palavras. (MCGUINNESS, 2006, p. 112).

Ela passou parte do seu segundo ano de vida se preparando para entrar no mundo da imaginação. As histórias possuem um tempo bem marcado e mostram à criança causas e conseqüências. Isso desperta o interesse da criança de forma significativa. “Por que João e Maria entraram na floresta? [...] É o porquê de tudo que acontece na história que chama a atenção da criança, além, é claro, do suspense em relação ao que acontecerá em seguida”. (MCGUINNESS, 2006, p. 113)

Mas, mesmo antes de serem capazes de entender grande parte do vocabulário de uma conversa, de uma canção ou de uma história, a criança já gosta de ouvi-las. Ela gosta de ouvir a entonação e o ritmo que a mãe impõe a sua voz. E esse é o primeiro grande valor de incentivar leitura na infância inicial.

Se para formar um bom leitor é necessário desenvolver capacidades lingüísticas na criança e 50% da capacidade verbal de uma criança é resultado da hereditariedade e os outros 50%, de um ambiente compartilhado em casa, sem uma intervenção precoce, que capacite os pais para esta tarefa, jamais se conseguirá amenizar as desigualdades sociais. É por meio da literatura oral

que crianças em situação de vulnerabilidade social vão ouvir de seus pais e cuidadores canções e contos que ajudam a estabelecer uma interação positiva, simbólica e com diversidade lingüística.

Assim, uma criança exposta a uma interação verbal rica na família terá seu desenvolvimento lingüístico enriquecido nos primeiros anos de vida, fato importante na formação do leitor uma vez que, diferentemente da decodificação de palavras, os esquemas lingüísticos não podem ser aprendidos em qualquer idade. A promoção de leitores, portanto, antes de chegar ao livro, passa por outros meios, que, na infância inicial, são a oralidade, as canções, as brincadeiras e os contos narrados. A hereditariedade lingüística de uma criança não pode ser tratada como uma questão de destino, mas como um motivo para intervenções de leitura na infância inicial.

Referências

KLAUS, Marshall; KLAUS, Phyllis. *Seu surpreendente recém-nascido*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MATURNA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MCGUINNESS, Diane. *Cultivando um leitor desde o berço: a trajetória de seu filho da linguagem à alfabetização*. Trad. Rafael Ventura. Rio de Janeiro: Record, 2006.

PURVES, Dale et al. *Neurociências*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Formatado: Italiano (Itália)

VIGOTSKI, L. S.; COLE, Michel et al. (Org.). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PIMENTEL, Altimar de Alencar; PIMENTEL, Cleide Rocha da Silva. *Esquindô-lê-lê: cantigas de roda*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2002.